



RESENHA

ARTICULANDO LINGUAGEM E PSIQUISMO

Ruth Ramalho Ruivo Pallatino

Fonoaudiologia e Psicanálise – A fronteira como território.

Cunha, Maria Cláudia. Tese de Doutorado
em Psicologia Clínica, PUC-SP, 1997.

A tese de doutorado de Maria Cláudia Cunha é um convite irrecusável à reflexão; é um trabalho extenso e complexo que toca de modo corajoso a difícil questão da formação das diferentes áreas do saber.

Ao revisitar a história do campo fonoaudiológico, Maria Cláudia vai retomando, desvelando todos os movimentos, todos os percalços encontrados ao longo deste longo caminho. A relação antiga, resistente, renitente com a Medicina; a relação errante, conflituosa, necessária com a Linguística; a relação sedutora e dúbia com a Psicologia; todas essas relações – ou, nas palavras da autora “articulações” – são

tomadas como lugar de pensar o advento da Fonoaudiologia como área específica do saber. Essas (e outras) articulações possíveis e necessárias servem à circunscrição de terrenos exclusivos, de terrenos disciplinares, e, portanto, para Maria Cláudia, o equívoco não está nas articulações operadas, mas, sim, na forma em que tais operações são realizadas. Acessado o problema central, através de uma crítica forte, mas em momento algum maligna, da história da construção do campo fonoaudiológico, Maria Cláudia passa a devassá-lo a partir de uma discussão muito bem erigida acerca das possibilidades de articulação entre a Fonoaudiologia e a Psicanálise.

Maria Cláudia começa por anunciar que considera pertinentes à reflexão a que se propõe apenas as teorias de linguagem que “levam em conta a heterogeneidade e a diversidade “porque mantêm, por princípio, maior afinidade com a natureza dos problemas implicados na clínica fonoaudiológica” (p. 27). Na seqüência, a autora denuncia que apesar de uma tal teorização da linguagem permitir uma reflexão mais apropriada sobre os distúrbios da linguagem, “isto não é condição suficiente para a interpretação fonoaudiológica dos sintomas singulares manifestos na linguagem” (pp. 29 e 30). Para ela, se a assunção de uma teoria de linguagem for tomada como condição necessária e suficiente há “a tendência de reduzir o ‘dado clínico’ ao ‘dado lingüístico’ e, conseqüentemente, o processo terapêutico à uma investigação lingüística” (p.30). Assim, para além de uma noção de linguagem, diz a autora, é necessário que o campo fonoaudiológico contemple a noção de sujeito psíquico e para tanto, a sua indicação é pelo “diálogo com o campo psicanalítico” (p.32). É com este argumento que a autora passa a explorar as possibilidades de articulação entre os dois campos, o fonoaudiológico e o psicanalítico.

A autora, inicialmente, se dedica a explicitar a forma em que linguagem e psiquismo serão por ela articulados. Ela se dedica a explicitar a arquitetura de seu argumento. Ao optar por uma teoria de linguagem que aposta na heterogeneidade, Maria Cláudia levanta, como principal, a noção de polifonia aí implicada “uma fala dá continência a vozes externas, ao mesmo tempo em que é parcela de voz de outras falas”. A polifonia é reconhecida como lugar apropriado para o implante da articulação: “a linguagem me parece acomodar-se num ‘espaço’ estabelecido entre dois pólos: o intersubjetivo de um lado, o intrapsíquico de outro. Isto é, apesar de incorporar vozes externas, todo discurso tem um autor. Um autor que marca a linguagem com seu psiquismo, com sua voz interna” (p. 35). Maria Cláudia continua:

A polifonia da fala não resulta apenas da incorporação de várias vozes externas a uma voz interna: os conflitos psíquicos operam uma cisão já no nível da interioridade. Existe uma espécie de força anárquica que pontua o discurso, e que faz tanto com que o sujeito refreie as palavras como as diga à revelia. Essa força se origina no Inconsciente que, ao atravessar a dualidade eu-outro impondo-se como um terceiro elemento – como uma terceira voz – faz com que a Psicanálise se apresente aos estudos de linguagem.

A autora, fazendo suas as palavras de Viderman, continua: “a linguagem não nos dá uma versão mais ou menos aproximada da realidade inconsciente: o que ela diz do inconsciente é o inconsciente – uma criação original. A linguagem é uma estrutura matricial que vaza o inconsciente num molde imaginário onde se fundem e não se distinguem mais” (p.37). Ao propor um diálogo com a Psicanálise, Maria Cláudia realça a idéia de que a linguagem é “estrutura matricial”, já que “(o que) a linguagem (diz do inconsciente) é o inconsciente” e é no interior desta idéia que a autora reconhece que entre a Fonoaudiologia e a Psicanálise há uma relação de contiguidade, e, neste “contínuo”, ela reconhece um território onde o fonoaudiológico pode se colocar, e, mais do que tudo, onde pode ser operado um “deslizamento (como a autora prefere dizer) do dogmatismo para o processamento intrateórico”, ou seja, “a gênese teórica” (p. 37).

Maria Cláudia segue no seu argumento e coloca em questão três pontos: o conceito de sintoma de linguagem, o conceito de “escuta” em Fonoaudiologia e, por fim, o conceito de interpretação em Fonoaudiologia.

Os sintomas de linguagem, revistos, agora surgem como sendo “em si mesmos uma linguagem que precisa ser compreendida” (p.41). São acontecimentos que demandam valor simbólico, para além da própria linguagem. Na seqüência, a autora reapresenta a noção de “escuta” como “um ouvir o que é dito escutando o que não é dito”. Quer dizer, coloca a linguagem como apresentação do inconsciente. Ela pontua: “... os fonoaudiólogos tornam-se refratários ao espanto de descobri-lo (o inconsciente) na linguagem, descomprometem-se com tentar investigar com que finalidade o inconsciente se serve do “falar mal”, com o que ele pretende dizer com isto” (p. 40). Para Maria Cláudia, a noção de interpretação não é exclusiva da Psicanálise: “(ela) pode estar legitimada em todo e qualquer método clínico porque sua exclusão ou inclusão obedecem a critérios epistemológicos” (p. 43). “Na Fonoaudiologia, a interpretação é o que possibilita que se tome a fala como discurso e que se vá mais além do discurso, assumindo que ele não goza de autonomia em relação ao psiquismo” (p. 42).

A partir da apresentação destes conceitos fundamentais para a rede de argumentos pretendida e pouco a pouco tecida, Maria Cláudia passa a relatar alguns casos, claro que sempre no interior da sua proposta de articulação entre linguagem e psiquismo. A leitura dos casos é algo de puro prazer, como bem reconheceu o professor Dr. Mauro Spinelli na defesa da tese. Ela vai de forma delicada e inteligente construindo sentidos possíveis para os acontecimentos com os quais se depara a todo instante na clínica, acabando por formatar interpretações bastante complexas para cada um dos casos. É inegável que a própria Psicanálise foi contemplada com uma reflexão importante.

Vale reconhecer que a análise de seus casos expõe um problema pilar para o campo fonoaudiológico: a relação entre a ordem somática e a psíquica, que Maria Cláudia aborda a partir do mesmo nó de argumentos. Ela aponta, citando um autor, “o inconsciente dispõe de duas telas, uma psíquica e uma corporal, e em ambas pode fazer-se representar” (p. 16). Ela sugere intervenção em dois pontos convergentes: a tradução dos sintomas da fala numa esfera psíquica e a intervenção ao nível corporal através de técnicas especiais que podem resultar num trabalho simbólico do paciente, sendo talvez “uma via de acesso ao inconsciente”. Ela coloca: “Saliento, também, a compatibilidade que, nesta perspectiva, é desejável que se estabeleça entre estes valores simbólicos e as transformações necessárias ao nível do aparato biológico da linguagem e com isto quero chamar a atenção para a importância inegável em se considerar/compreender também a natureza e a expressão orgânica dos sintomas. Sendo assim, esta dupla especificidade fonoaudiológica supõe a noção freudiana de que o simbolismo se estabelece a partir de uma relação constante entre conteúdos manifestos e suas traduções.” (p. 168).

Maria Cláudia vai encerrando seu trabalho, propondo uma reflexão séria e verticalizada acerca da relação entre linguagem e psiquismo, reconhecendo o material clínico como base singular e única para as teorizações. O seu olhar, como sempre, vai além: a autora reflete “em voz alta” sobre a questão do ensino de Fonoaudiologia, polemizando a necessidade, a importância do estudo da Psicanálise, e, nesta medida, sua tese é um alerta.

Não há como finalizar uma resenha desta tese. Escrever umas poucas palavras sobre texto tão denso, complexo, emocionado e emocionante é, sem dúvida, uma tarefa quase inexecutável. Eu tentei.